



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

17 e 18 de maio de 2014

Uma trajetória de autoconhecimento / Atriz americana / Mary Temple Grandin / Autismo / Aprendizagem / Professor da UFSC / Jéferson Dantas / Departamento de Estudos Especializados em Educação / EED-CED / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Cultura

Uma tra autoconh

A história da americana Mary Temple Grandin continua a inspirar homens e mulheres autistas, mas a sua contribuição está assentada na desmitificação de que o autismo é um obstáculo a toda e qualquer forma de aprendizagem

POR JÉFERSON DANTAS *

Esta breve análise trata da cinebiografia da estadunidense Mary Temple Grandin (1947-), interpretada nas telas pela premiada atriz Claire Danes, com produção da HBO para a tevê. A representação fílmica se apoiou nas obras da própria cinebiografia: *Emergence: Labeled Autistic* e *Thinking in Pictures* (SCHMIDT, 2012, p.180). Grandin foi diagnosticada com autismo aos quatro anos de idade, mas sua mãe se negou a interná-la numa instituição psiquiátrica, apostando na inclusão por meio da educação formal e na socialização de sua filha. A perseverança e a coragem de sua mãe – sem o apoio do marido, que nem é mencionado no filme –, surtiram efeitos positivos na formação e autoestima de Grandin, que se tornou bacharel em Psicologia pelo Franklin Pierce College e mestre em Zoologia pela Universidade Estadual do Arizona. Grandin revolucionou as práticas de manejo animal (especialmente no setor pecuário) em fazendas e abatedouros, escrevendo vários artigos científicos a respeito.

O professor Carlo Schmidt (2012, p. 183) pondera que, apesar das inúmeras terminologias utilizadas em relação ao espectro autista, o que merece atenção "é a forma como essas pessoas se constituíram como sujeitos e que habilidades e dificuldades especificamente as impedem de aprender e se desenvolver socialmente". No caso particular de Grandin, foi muito importante para a família, educadores e profissionais da saúde identificar suas ilhas de habilidade e suas idiosincrasias cognitivas.

Para compor a personagem, Claire Danes conviveu com Grandin, além de ter lido a sua biografia. Num contexto histórico (décadas de 1960 e 1970) atravessado por diversas formas de preconceito contra a mulher e especialmente uma mulher autista, Grandin superou obstáculos aparentemente intransponíveis, tendo o apoio basilar da mãe, da tia e de um professor de ciências, este último o grande incentivador de suas criações e que compreendeu a forma de Grandin se expressar (pensamento visual). Com dificuldades em aceitar o toque, o abraço e/ou afeto de outras pessoas, Grandin criou a máquina do abraço, um mecanismo que pressionava os membros e a coluna vertebral e que lhe deixava mais calma. A inspiração para o projeto veio de

uma espécie de gaiola onde o gado bovino recebia as vacinas, que ela presenciou na pequena fazenda de sua tia. Isto foi fundamental em seu processo de autorregulação, permitindo-lhe encarar os desafios corriqueiros da vida cotidiana.

A sua trajetória na educação básica não foi fácil, muito menos a formação em nível superior. Com muitos problemas de convivência, a possibilidade de dividir o mesmo espaço com muitas pessoas lhe deixava, literalmente, terrificada. Além disso, a forma tradicional de ensino não lhe permitia qualquer forma de aprendizagem, pois o significado e a conexão das ideias apresentadas num texto em língua francesa, por exemplo, possuíam elementos muito subjetivos e de difícil compreensão para a forma como conseguia apreender concretamente o mundo em sua volta. Contudo, ao descrever o mundo concreto e tangível por meio de imagens, Grandin obtinha a máxima expressão de sua criatividade e proveito dos rudimentos da ciência.

Atualmente, aos 66 anos de idade, Grandin continua a inspirar homens e mulheres autistas, mas principalmente, a sua contribuição está assentada na desmitificação de que o autismo é um obstáculo a toda e qualquer forma de aprendizagem. Nesta direção, o seu exemplo de vida alcança justamente as pessoas que apresentam algum tipo de preconceito em relação ao autismo, fruto da ignorância e do desrespeito a esta particularidade e variabilidade da espécie humana, traduzida na cinebiografia da seguinte forma: "Sou diferente, mas não inferior!"

Por fim, segundo Schmidt (2012, p. 184), a cinebiografia sobre Temple Grandin promove a ruptura de um estereótipo em relação às pessoas autistas, "equilibrando a presença de algumas habilidades com as dificuldades. É mostrado que apesar da extrema habilidade para identificar padrões de comportamentos em animais, [...] sua trajetória é permeada por muito sofrimento, derivado em grande parte de suas dificuldades sociais e sensoriais." Todavia, tal produção cinematográfica teve o mérito de apresentar o autismo pelo viés da diferença e não somente pelo viés da deficiência, desconstruindo preconceitos e mobilizando a perspectiva de estudos mais aprofundados no que concerne ao espectro autista.

* É historiador e doutor em Educação (UFSC) e professor auxiliar no Departamento de Estudos Especializados em Educação (EED/CED/UFSC)



REPRODUÇÃO

Diagnosticada com autismo aos quatro anos, Mary Temple Grandin se formou em Psicologia, tornou-se mestre em Zoologia e revolucionou as práticas de manejo animal em fazendas e abatedouros.

jetória de recimento



PARA SABER MAIS:

SCHMIDT, Carlo. *Temple Grandin e o Autismo: Uma Análise do Filme*. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 18, n.2, Marília/SP, p. 179-194, abr./jun., 2012

Temple Grandin. Direção de Mick Jackson. EUA. HBO. 2010. 1 DVD (107 mm); son. color. Filme cinematográfico

A atriz Claire Danes (à esquerda) interpretou Temple Grandin na cinebiografia produzida pela HBO

A Notícia

Anexo

“Por um Iraque diplomático”

Por um Iraque diplomático / Embaixador / Bernardo de Azevedo Brito / Entrevista / Lançamento / Livro / Iraque: dos primórdios à procura de um destino / Editora da UFSC / EdUFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

2 Anexoideias

SABADO E DOMINGO, 17 E 18 DE MAIO DE 2014



COM TINTA

Mulheres iraquianas fazem o sinal da vitória com os dedos manchados: primeira eleição parlamentar desde a saída das tropas norte-americanas

SABAN ARAR, APF

Por um Iraque DIPLOMÁTICO

FABIANO MORAES

“Um diplomata é, antes de tudo, um negociador.” A definição de Bernardo de Azevedo Brito é precisa. Aos 78 anos, aprimorou o talento para negociar em mais de meio século de prática como diplomata graduado pelo Itamaraty. Filho de um médico, professor da antiga Faculdade do Brasil – hoje Federal do Rio de Janeiro –, nasceu no Rio, mas preserva a fala pausada, provável herança familiar do sul de Minas Gerais. O jeito mineiro, entretanto, não o impediu de ser escalado para atuar em áreas de conflito na África e no Oriente Médio. Azevedo Brito testou seu dom de mediador por 11 anos no continente africano, ao abrir as embaixadas bra-

sileiras na Zâmbia e no Zimbábue. Já no final da carreira, comandou a reabertura do escritório diplomático na Palestina e da Embaixada Brasileira em Bagdá em 2006.

Em um raciocínio reverso, típico da lógica de um prodígio aprovado no difícil Instituto Rio Branco – escola formadora de diplomatas no Brasil que tem a razão de 230 candidatos por vaga –, a característica pessoal pode ter sido determinante para o sucesso. Vestindo terno e gravata, o embaixador, hoje aposentado, recebeu a reportagem para uma entrevista em seu apartamento em Florianópolis – por recomendação do Itamaraty, a localização do imóvel não pode ser informada com precisão.

A conversa foi sobre o livro Iraque – dos Primórdios à Procura de um Destino, recém-lançado pela Editora da UFSC, as relações econômicas do Brasil com o Oriente Médio e a crise na Ucrânia. Mas o bate-papo serviu sobretudo para apresentar esse trabalho pouco conhecido e ainda cercado por alguma mistificação.



Iraque – dos Primórdios à Procura de um Destino. Lançamento Editora da UFSC, 376 páginas. R\$ 58 (preço médio)



O EMBAIXADOR
Bernardo de Azevedo Brito em sua casa, em Florianópolis: "A economia do Iraque está em plena expansão"



CENÁRIO
Montanhas do Curdistão, localizadas no norte do Iraque



CULTURA
Apresentação de músicos infantis em Erbil, no Curdistão



VIAGEM
O embaixador em visita às montanhas do Curdistão



PORTAL
Local onde passavam as tropas do exército de Saddam Hussein durante os desfiles cívicos em Bagdá

Como foi a escolha pela profissão?
Resolvi seguir a carreira de diplomata a partir da leitura de um livro que narrava a trajetória de Benjamin Disraeli. Ele, por meio da diplomacia, teve grandes êxitos para o seu país. Aquilo me impressionou. Pensei: Esta é uma maneira positiva de dar uma contribuição à sociedade". Entrei no Instituto Rio Branco com idade mínima, aos 20 anos. Fiz serviço militar, servi à Marinha porque gosto do mar – por isso estou morando em Florianópolis. O mar sempre esteve perto da minha vida.

BENJAMIN DISRAELI (1804-1881)
Escritor e político britânico, primeiro ministro do Reino Unido. Em 1844, realizou reformas econômicas e uma política expansionista e imperialista, contribuindo para a grandiosidade e o poderio do Império Britânico.

O senhor atuou em zonas de conflito e o Itamaraty o considera um dos diplomatas mais experientes do País. Como construiu a carreira?

Minha carreira tem mais de meio século. Vai de 1958 a outubro de 2011. Comecei atuando nos países nórdicos e estive por 11 anos na África. No continente africano, tive contato com gigantes da independência (faz referência a **Julius Nyerere**). Abri as embaixadas na Zâmbia, no Zimbábue, depois na Namíbia. Fui vice-diretor e depois diretor executivo do Programa Mundial de Alimentos, braço de ajuda alimentar da ONU (Organização das Nações Unidas). Atuei também por sete anos na área econômica da organização. No final da carreira, fui para o Oriente Médio. Reabri o escritório na Palestina e a Embaixada Brasileira em Bagdá em 2006.

JULIUS KAMBARAGE NYERERE (1922-1999)
Primeiro-ministro e estadista tanzanês, líder da independência da Tanzânia (atualizado). História e Economia Política fez a sua contribuição na construção da independência da África. Conduziu a única colônia entre a França e a Zâmbia, a Tanzânia, à constituição da República Unida da África em 1964.

O senhor fala com entusiasmo sobre o trabalho diplomático na África.

Tenho saudade dos meus anos de África. Nós estávamos numa cunha entre Angola, em guerra civil, Moçambique, também em guerra civil, e a África do Sul ainda sob um regime de minoria branca. Curiosamente, quando eu estava lá, havia muitas dúvidas em relação ao futuro do continente do ponto de vista econômico. Hoje está se confirmando que o destino da África é de progresso. Ainda há problemas, mas a África está em uma situação positiva.

Reabrir os escritórios diplomáticos no Oriente Médio deve ter sido um desafio.

Foi interessante. Já não era jovem, tinha aberto nossa representação na Palestina, em Ramallah. Tínhamos embaixada em Tel Aviv, em Israel, mas não uma representação entre os palestinos. Havia a necessidade de equilibrar um pouco as coisas. Foi o que eu fiz.

Qual o momento mais tenso enfrentado pelo senhor em Bagdá?

A reabertura da embaixada foi em agosto de 2006, e a invasão norte-americana havia sido em março de 2003. Estávamos ali em uma situação muito ten-

sa. A embaixada havia sido fechada em 1991, na época da invasão do Kuwait. Foi reaberta primeiro com um núcleo em Amã, e a embaixada propriamente dita, em Bagdá. Eu fazia idas e vindas entre um lugar e outro. O processo de instalação em Bagdá, quando não tínhamos as proteções no edifício, foi difícil. Eram explosões, mísseis que não se sabia onde iriam cair... Mas foram situações raras. O risco havia, mas eu estou aqui, aos 78 anos e em boa saúde (risos). Havia também a dificuldade de se conseguir colaboradores que aceitassem colocar os pés em Bagdá.

Em 1985, o comércio entre o Brasil e o Iraque chegou a US\$ 2,5 bilhões, mas caiu após a Guerra do Golfo (1991), quando o Brasil fechou sua embaixada no país. A reabertura mostra que há interesse. Qual é a estratégia?

Nos anos 1980 tínhamos dependência do petróleo iraquiano – coisa que não temos mais. Tínhamos uma indústria que competia. Grandes obras haviam sido feitas por empresas brasileiras no Iraque, como estradas e ferrovias. Hoje esses espaços foram ocupados por países asiáticos. Eles precisam desesperadamente do petróleo do Iraque. Nós, não. Mas isso não significa que o Brasil não deva estar atento. Há grandes investimentos sendo feitos lá. Em quatro, cinco anos, teremos um poder econômico grande. É uma boa perspectiva para o Brasil, mas seria necessário que nossos empresários visitassem o Iraque. O país está crescendo num ritmo muito bom (entre 8% e 9% ao ano). A produção de petróleo em março de 2013 foi de 3,2 milhões de barris por dia, dos quais 2,4 milhões foram exportados. Este ano, a produção já está perto de 4 milhões de barris. A economia está em plena expansão.

Neste ano há eleições importantes, como na Índia (parlamentares, este mês), Turquia (presidenciais, em agosto) e África do Sul (assembleia nacional, entre abril e junho). O próprio Iraque finalizou o pleito no último dia 30 (legislativo). De que forma o resultado das eleições nesses países interfere no Oriente Médio?

Isso fortalece a tendência democrática no Oriente Médio. Mas ainda temos problemas, a começar pela situação da Síria. Muitos dos problemas do Iraque neste momento são reflexos da Síria. Os rebeldes, que são maioria na Síria, são sunitas; no Iraque, que fica ao lado, os sunitas são minoria. Portanto, há uma tendência a uma simpatia dos sunitas da Síria pelos sunitas do Iraque. Isso complica a coisa.

Sobre a crise na Rússia, há agora uma insurgência contra a interferência norte-americana e da União Europeia. É possível um consenso?

Trata-se de uma competição que foi superada na Guerra Fria, mas que continuou em outros níveis. Isso não acabou e possivelmente nunca acabará. Há áreas de interesse para as grandes potências, e essas áreas são de risco. Ali é o quintal da antiga União Soviética. É necessário diálogo e que a Ucrânia seja respeitada. É necessário que se respeitem os interesses legítimos da Rússia. Claro que o ideal é uma solução pacífica, que a Ucrânia encontre um equilíbrio que a torne próspera como deve ser. Tanto a UE quanto a Rússia têm interesse numa Ucrânia próspera.

Dificuldade é a alma da inovação / Entrevista / Thiago Ramos dos Santos / Formado pela UFSC / Curso Ciências da Computação / Planos de negócios / Instituto de Inovação de Sistemas Embarcados na Capital / Sapiens Parque / Universidade Federal de Santa Catarina

20

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 17 E 18 DE MAIO DE 2014

PANORAMA

ADRIANA BALDISSARELLI
panorama@noticiasdodia.com.br
@abaldissarelli



“Dificuldade é a alma da inovação”

Aos 34 anos, Thiago Ramos dos Santos já se graduou em Ciências da Computação na UFSC, fez doutorado na mesma área na Alemanha, ajudou o Senai a desenvolver 23 planos de negócios para os centros de inovação e escolheu um deles, o Instituto de Inovação de Sistemas Embarcados na Capital, para tornar realidade. De Brasília, onde trabalhava

na Confederação Nacional da Indústria, voltou para Florianópolis, sua cidade natal. Na manhã de sexta, contou à Panorama sobre o desafio de apoiar a indústria para que seja mais competitiva. O instituto que dirige será instalado no Sapiens Parque, mas por enquanto o núcleo opera no Senai Florianópolis, antigo CTAL. Aqui parte, no www.ndonline.com.br a conversa toda.

#ponto de vista

com Thiago Ramos dos Santos



A indústria brasileira teria mesmo perdido a mão, sem conseguir acompanhar a evolução global?

Os países que são realmente inovadores têm uma parcela do investimento em inovação feito pela indústria. No Brasil, o investimento em inovação é feito pelo governo, as indústrias só tentam inovar seus produtos se o governo estiver disposto a pagar por isso. Na Alemanha, por exemplo, entre 25% a 30% dos investimentos em inovação são feitos pelo governo e as indústrias investem acima de 65% em recursos próprios, provenientes das suas receitas. No Brasil, a relação é inversa. A indústria daqui não tem tradição em tentar melhorar aquilo que produz, em tentar se adaptar ao consumidor. Tem mania de vender aquilo que faz e não fazer aquilo que vende. Deixa, portanto, de inovar, de se adaptar e de se tornar mais competitiva.

A experiência da Alemanha indica que investir em inovação traz quais ganhos?

A Alemanha é um país à prova de crises. Enquanto o mundo inteiro entrou na crise mundial de 2008, a Alemanha também sofreu, mas as empresas não diminuíram seus investimentos em inovação. Foi o país que mais rápido se recuperou. Claro que não basta a indústria querer investir, é preciso que tenha onde investir. No Brasil, muitas vezes a indústria depende das universidades para fazer coisas diferentes e aí é complicado.

A relação da indústria com a UFSC teria chegado a um ponto de esgotamento?

A UFSC é uma excelente parceira, tem excelentes pesquisadores, faz excelentes pesquisas. Não conseguiríamos fazer o que estamos tentando, se não tivéssemos essa parceria. Só

que ela tem outro papel e atua com outros indicadores. A função da universidade não é aplicar conhecimentos, ela quer criar, formar pessoas, publicar papers para serem conhecidos internacionalmente. Esses indicadores são totalmente diferentes daqueles da indústria, que trabalha com receitas. A indústria não quer publicar papers, quer patentes; é outro tipo de propriedade intelectual. O Senai então se propôs a tentar pegar aquele conhecimento básico que é produzido na Universidade e transferir em conhecimento aplicado, algo que possa resolver um problema concreto dentro da indústria. Não se atendo aos indicadores da universidade, mas aos indicadores da indústria, como receitas, patentes, número de spin-offs para estimular o mercado.

Faz sentido que seja em Santa Catarina esse trabalho? O Estado tem algum referencial importante nesse ambiente de inovação?

Faz todo sentido ser em Santa Catarina, pelo menos o Instituto de Sistemas Embarcados. Ao contrário de outros institutos, esse não depende de equipamentos, é computação, software. Nosso grande ativo são as pessoas. A proximidade com a UFSC é excelente, estamos num ecossistema aqui em Florianópolis que tem aproximadamente 600 empresas de base tecnológica.

O que é um sistema embarcado?

Sistema embarcado é todo computador ou plataforma computacional portátil, com um software dedicado ali dentro. Alguma coisa que é smart tem algum sistema embarcado, captando uma função e causando uma ação

“
Indústria
vende o que
faz, em vez
de fazer o que
vende.”

Como os eletrodomésticos que se comunicam com outros, a geladeira smart que controla quando acabou o leite ou a máquina que lava roupa quando o consumo de energia for menor, para baixar a conta. A Nike, por exemplo, lançou tênis com sensores dentro, acelerômetros que permitem ao atleta saber qual altura ele pula, quanto bem ele se move, qual o desempenho que ele apresenta em quadra. Tudo isso são sistemas embarcados, sensores que estão medindo alguma coisa, transferindo esse sinal para um centro de processamento e mostrando o resultado.

A indústria catarinense embora rica é de baixo conteúdo tecnológico, é isso?

Há indústrias de baixo conteúdo, em ramos mais tradicionais têxteis ou de alimentos. Mas se pegar indústrias como Whirlpool ou WEG, até mesmo a BRFoods, são indústrias catarinenses com grande investimento em inovação. Estão sempre tentando melhorar seus processos. Isso falando de grandes indústrias, porque se pensar nas pequenas, essas

são as mais inovadoras. Em Florianópolis, a Pixeon, empresa que está revolucionando a área de medicina com servidores de armazenamento de imagens, ou a Seventh. Há empresas pequenas e médias com propostas inovadoras, e Florianópolis e Joinville são polos dessas empresas.

E 2015, vai ser mesmo difícil?

Acho que vai ser bem complicado, depois da Copa realmente o Brasil vai entrar numa crise. Vai cair aquela ilusão de atração de investimentos, que empresas iam perceber o Brasil. Realmente empresas vão perceber o país de forma diferente e não vão investir. Vão entender o Brasil com profundos problemas. Temos que arrumar a casa antes de tentar atrair investimento externo.

Talvez o Brasil precise parar de temer as dificuldades?

A alma da inovação é a dificuldade. Se aprimora quando há alguma deficiência que não se consegue suprir aplicando apenas dinheiro. É preciso ser criativo. Talvez para os institutos Senai de inovação a crise depois da Copa vai ser excelente, momento de mostrar o potencial que temos.

Notícias do Dia

Cidade

"Assembleia da ONU na Capital"

Assembleia da ONU na Capital / ONU / Organização das Nações Unidas / Estudantes / Ensino Médio / Curso de relações Internacionais da UFSC / Simulação de Organizações Internacionais para Ensino Médio / Siem / Política da Síria / Universidade Federal de Santa Catarina

Assembleia da ONU na Capital

Simulação. Alunos do ensino médio e da UFSC discutem futuro da Síria e uso do niqab

ALESSANDRA OLIVEIRA
alessandraol@noticiasdodia.com.br
@alessandra_ND

O futuro político da Síria foi discutido por 400 estudantes do ensino médio de 14 escolas públicas e particulares de Florianópolis e do curso de relações internacionais da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Durante o Siem (Simulação de Organizações Internacionais para Ensino Médio), que simulou na universidade uma assembleia geral da ONU (Organização das Nações Unidas), os alunos, representando os 45 países mais expressivos da comunidade internacional, deliberaram e votaram favoravelmente pela intervenção humanitária e eleições diretas para presidente na Síria, país em conflito há três anos. A resolução final foi enviada ao Conselho de Segurança da ONU, que estava reunido em uma sala ao lado, onde discutiram o uso do niqab (véu islâmico) em lugares públicos.

Os alunos se prepararam para o encontro de caráter internacional. Estudaram as questões políticas sírias e os conflitos civis que mataram mais de 150 mil pessoas, em três anos, no governo de Bashar al-Assad. Jovens de 16 a 21 anos deixaram as calças jeans e camisetas de lado para usarem ternos e gravatas. Muitas das estudantes vestidas como diplomatas, trajavam também o niqab, usado por mulheres islâmicas e muçulmanas.

"Somos contrários ao posicionamento da China e da Rússia. Esses países se negam a auxiliar na resolução do conflito", disse Igor Catão, 17, membro da delegação da Arábia Saudita. O representante da Ucrânia, Rafael Martins, 16, lembrou que a nação tem seus próprios desafios e não se posiciona contra nem a favor de Bashar al-Assad. "Defendemos as missões humanitárias", garantiu. Para ele, a oportunidade de entender a situação política de um país distante lhe abriu a visão para o que acontece no mundo e não somente à sua volta. "É uma simulação, mas muito perto do real", ressaltou o estudante do ensino médio.

Temas de relevância mundial

"Por estarmos na 4ª edição do Siem, as escolas já nos procuram para inscrever os alunos na simulação", disse uma das organizadoras, a professora de segurança internacional Graciela de Conti Pagliari. Ela afirmou que sempre são escolhidos temas de relevância mundial, como genocídios e questões humanitárias. "É uma oportunidade de aproximar os estudantes de questões políticas internacionais, de mostrar como se dão as tomadas de decisão e ainda fomentar a reflexão sobre os acontecimentos que afetam milhares de vidas ao redor do mundo", disse. Ao final da assembleia geral as delegações levaram ao Conselho de Segurança da ONU a resolução final, pedindo intervenção humanitária e eleições diretas na Síria.



Internacional. Simulação da Assembleia Geral da ONU foi realizada no Centro de Eventos da UFSC

Delegação da Mauritânia pede água e comida para a Síria

Para seguir a tradição da Mauritânia (país que representava na assembleia geral), a estudante de relações internacionais Izoila Gaspar, 19, cobriu a cabeça com véu. "Cabelos e orelhas não podem ser expostos em público", disse a angolana que está há cinco meses no Brasil. A Mauritânia abriga, em

50 tendas, centenas de refugiados sírios. "Nosso país não é rico. Por isso buscamos apoio das grandes potências para auxiliar na falta de água e alimento na Síria. Lembro ainda que 25% dos civis mortos nos conflitos são mulheres e crianças", alertou.

Em janeiro de 2014, a ONU declarou que não mais divulgará

o número de mortos nos conflitos sírios, que até o referido mês apontavam mais de 150 mil vítimas. Outra preocupação levantada pela delegação da Mauritânia são os traumas psicológicos das crianças que nasceram durante a guerra civil, para as quais Izoila pediu auxílio psicológico.



Busca de apoio. Angolana Izoila representou a Mauritânia



Contrário: Igor fez parte da delegação da Arábia Saudita

Diário Catarinense

Agenda

“Clube do fracasso”

Clube do fracasso / Espetáculo / Cia. Rústica em Circuito / Teatro da UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



ALEX RAMIREZ, DIVULGAÇÃO

CLUBE DO FRACASSO

A Cia. Rústica em Circuito apresenta hoje o espetáculo *Clube do Fracasso*. Vencedor do Prêmio RBS Cultura 2010, a peça se estrutura em jogos que se desdobram sobre áreas da experiência humana: memórias, amores, exposições ao ridículo, tentativas falidas, a sede do sucesso e medos.

No **Teatro da UFSC** (Campus da Universidade Federal de Santa Catarina, Trindade, Florianópolis). Ingressos a R\$ 10.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.